

A BATALHA

Redação, Administração Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Oficinas de Imprensa e Esteriótipa
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras.—Não se devolvem os originais.—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

SEXTA FEIRA, 11 DE DEZEMBRO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2156

A HORA DO CRIME

A política vai entrar numa hora torva. O ministério, verbo de encer, Domingos Pereira desaparece para dar lugar ao ministro António Maria da Silva. O sr. Teixeira Gomes vai sair de Belém para ceder o seu cargo, segundo fôdias as probabilidades, ao sr. Bernardino Machado. Vai-se entrar na repressão aberta, feita com tâdas as praxes constitucionais, legalista até à medula, com um parlamento feito assemblea, feito congresso permanente do partido democrático. Para dar a tóda a ditadura que se esboça e que vai cair sobre nós, violenta e avassaladora, um ar de dignidade democrática, umas oposições compostas de alguns oradores de retórica fácil e impressionante trovejaria de vez em quando, dando ao país a impressão de que o parlamento é o representante legítimo e directo da vontade popular. Esses oradores de vez em quando declamam belas tiradas que farão sorrir o cínico António Maria da Silva.

A liberdade, a liberdade ratinha duma constituição política feita em farrapos, terá dois ou três tenores em São Bento, mas a defesa dela ficará assegurada só porque algumas gargantas sujeitas a enrouquecimentos entoam em sua homenagem algumas romanzas? Deixemo-nos de ilusões e de ilusões perigosas. Os parlamentos são, hão-de ser sempre a expressão da vontade da burguesia. E a vontade da burguesia em Portugal está monopolizada pelo partido democrático, substancialmente em António Maria da Silva. A maioria parlamentar foi eleita pelos caciques da província, quase todos elas agricultores, lavradores, proprietários, burgueses até à medula, pelo seu espírito e pelos seus interesses.

Esses caciques eram ainda em 1910 monárquicos, hoje fazem vingar a sua vontade por meio de António Maria da Silva, homem da sua confiança que foi na monarquia reles administrador do concelho e ladrão de eleições em Redondo, de onde teve de fugir, oculto numa carroça de feno. Abolir a vontade e o predominio desses homens é tão difícil como deitar abaixo a sociedade burguesa que elas encarnam, o que é a expressão da sua vontade.

Como nos confrangem os ingénios, os pobres ingénios, que supõem que conquistar uns logarinhos no parlamento, umas meras oposições bastariam para derrubar o existente e implantar a justiça. Como se fosse possível que a liberdade se implantasse num foco corruptor, como se fosse admisível que elas brotasse dum a latrina!

* * *

Despedido Teixeira Gomes secamente, como se despede um lacayo que não serve, posto em Belém esse velho remoçado pelo ódio perpétuo que é a história da sua vida, ódio que se expande contra tudo e contra todos; esse sinistro e ridículo político que é simultaneamente Harpagão e Tartufo, António Maria da Silva, vai desencadear sobre os que trabalham, em benefício exclusivo dos que exploram, uma ditadura violenta e brutal. Vamos entrar na política de repressões sistemáticas, no crime legalizado por meia dúzia de abutres e uma centena de carneiros parlamentares.

António Maria da Silva é hoje uma provocação enervante, um desafio e um insulto lançado a tâdas as vítimas das explorações e das traficâncias. O seu ministério vai ter sede de facto na rua dos Capelistas. Se os homens que fizeram a malograda insurreição de 18 de Abril não possuem ambições pessoais—o que não é crível—hão de rir-se da sua derrota, pois que as suas sinistras ideias vão tâdas ser postas em prática por um político desonesto, crápula, com alma de facinora.

A alta finança não é o país. António Maria da Silva não é o país. O país é quem trabalha e não rouba. E é lícito quando nos pretendem deitar as mãos à garganta para nos asfixiar e nos metem a seguir, as mãos nos bolsos para nos roubar que nos defendemos dum a autêntica quadrilha de ladrões e de assassinos que dentro de alguns dias se vai alçar no Terreiro do Paço.

Os socialistas e Hindemburgo
BERLIM, 10.—O grupo parlamentar do Partido Socialista reuniu-se ontem à noite sem nada ter deliberado sobre a sua participação no novo governo do Reich.

EM PLENA DEMOCRACIA...

Foi proibida a conferência que o dr. sr. Marinho da Silva devia realizar ontem sobre deportações

O vasto Salão da Construção Civil regorgitava de operários, quando, às 21 horas, Alberto Monteiro, da Comissão pró-regresso dos deportados, fez a apresentação do dr. sr. Marinho da Silva que se propunha apreciar as deportações e prisões sem culpa formada. Feita a apresentação, o conferente diz que, a pesar do novo, ao envergar a toga tem o mais respeito pela justiça.

Prosseguindo diz que quando um indivíduo pratica um delito, a justiça tem sempre o máximo cuidado em observar se o delinquente está ou não sob a alcada do código.

Evocando os artigos 15.º e 16.º da Constituição prova que a polícia violou a lei básica da República procedendo, como procedeu às prisões dos operários que se encontram em África e nas esquadras, em Lisboa.

Passando em revista a condução dos prêses para a Boa-Hora critica acríticamente o procedimento da polícia que considera degradante e indigno dum país civilizado.

Quando o fluente orador prestava homenagem ao carácter dos magistrados portugueses a polícia invadiu a sala da conferência proibindo que o orador prosseguisse.

Alguns dos assistentes manifestaram o seu desagrado, e aí foi evocada aos vivas à liberdade e abaixo a reacção.

Como alguns operários estacionavam defronte da sede da C. G. T., uma fôrca de cavalaria da G. R. dispersou os violentamente, o que levantou novos protestos.

Não podendo o dr. sr. Marinho da Silva expor o seu pensamento em virtude da arbitrariedade cometida pela polícia, o ilustre advogado forneceu-nos cópia do seu discurso que passamos a reproduzir a fim de que se conheça o que a polícia pretendia impedir que se conhecesse:

Interrogados conscientemente os arguidos pelos integrantes magistrados que ocupam os juízos de investigação criminal de Lisboa, foi arbitrada aos arguidos a fiança de 50 mil escudos.

A pregunta que surge imediatamente é que afirma imediatamente aos lábios é esta: "Mas então estes homens que passam na rua em carros celulares escoltados por guardas armados podem dar a momentos—prestarem a caução de 50 contos em dinheiro—passar livremente?"

E curioso e seria ridículo se não tivesse um aspecto grave, socialmente.

Em primeiro lugar é necessário saber-se se os incriminados podem ser afiançados.

Tão longe quero levar a minha isenção que digo francamente—quer agrade ou não!—entender não deverem sê-lo. Explicamo-nos de que são acusados estes homens?

De homicídios voluntário, frustrado, uso e fabrico de mecanismos mortíferos, isto é crimes a que corresponde pena fixa e que, portanto, nos termos da lei de 15 de abril de 1880 e artigos 921.º e 1163.º da Novíssima Reforma Judiciária não é de admiração?

Um enfermeiro de nome Xavier, comete abusos de alto calibre e tem uma crónica do tamanho da lègua da Póvoa. O porto André, em certa ocasião, evitou que o homem levasse para fôra do hospital uns saídos pertencentes à casa, apanhando-lhos junto do portão.

Depois desta data, no decorrer destes 15 anos, o protegido Xavier tem accionado como um autêntico pirata, segundo nos referiram alguns—nota leitor, alguns!—funcionários hospitalares.

No que concerne à façanha hospitalar além de desfalar, deixa que o bicho traze dezenas e dezenas de peças de roupa, havendo, como flagrante exemplo, o caso dun coberto, que há bem pouco tempo tirou da arrecadação. Esta atitude tem dado motivo a que fale a roupa aos loucos indigenas, como sucedeu mais diuma vez.

Se este gesto é merecedor do nosso reparo, com mais e muito mais justiça são merecedoras dos nossos veementes comentários as suas atitudes no que respeita a exploração exercida sobre os internados.

Quando um pobre louco entra na enfermaria de que é chefe o sr. Xavier tem logo

Depois desta data, no decorrer destes 15 anos, o protegido Xavier tem accionado como um autêntico pirata, segundo nos referiram alguns—nota leitor, alguns!—funcionários hospitalares.

No que concerne à façanha hospitalar além de desfalar, deixa que o bicho traze dezenas e dezenas de peças de roupa, havendo, como flagrante exemplo, o caso dun coberto, que há bem pouco tempo tirou da arrecadação. Esta atitude tem dado motivo a que fale a roupa aos loucos indigenas, como sucedeu mais diuma vez.

E' tão indigno o procedimento deste Xavier que não encontra nos seus colegas quem o aplauda, quem lhe leva a bem de viver das dores alheias! A prová-lo está o facto dos protestos que nos apresentaram e que deixamos exarados, a mais formal condenação dos crimes dum enfermeiro-chefe da enfermaria!

E' lembramo-nos que há no pavilhão de segurança do Manicómio indivíduos muito menos perigosos do que este Xavier!

As noites em que seu cunhado, que trabalhava numa fábrica, não vinha a casa.

Por meio de ameaças conseguiu coagir sua mulher a voltar a viver com ele. Pouco tempo isso durou: um dia agarrou num martelo de ferreiro, quebrou tóda a mobília e desapareceu de casa. Começou depois a falar por tóda a parte que havia de matar a mulher e os sogros e que se o cunhado de já ter dois filhos.

O Macário, porém, continuou perseguindo-a, arrombando-lhe e apedrejando-lhe a casa em que ela vivia com seus pais e seu irmão. Sempre que elas, perante estas violências, reclamavam a intervenção da polícia, ele punha-se em fuga.

Há pouco mais de três meses começaram pelo sítio que já tinha descoberto um processo fácil de se vingar da mulher.

Então aliou-se na polícia. E assim fez. Então cheio de audácia, devido ao estranho prestígio da sua farda, continuou praticando vários distúrbios, mas, aproveitando sempre

A SAÚDE DO PESSOAL

Um "modelar" enfermeiro-chefe do Manicómio Miguel Bombarda que desonra a prestimosa classe a que pertence e traí a simpática missão que lhe cometeram

Vamos epilogar a reportagem sobre o Manicómio Bombarda, fazendo passar pela ficeira dos nossos comentários o procedimento do enfermeiro-chefe da enfermaria 3 (entrados), um indivíduo de nome Xavier. Presumos muito a prestimosa classe, cujo testemunho é o último congresso corporativo. Essa consideração não faz alienar o nosso exame crítico, quando alguns dos seus membros prevarique ao ponto de o termos que surzir. Nessa inteligência se justifica a atitude que vamos tomar, pondo a nôa a série de irregularidades praticadas por aquele funcionário.

O enfermeiro Xavier é o protótipo de guardião. Expressão grosseira, bigode fazendo que nos faz lembrar um guarda da Municipal, tem o olhar trágico dum anormal, que infunde respeito. Vimo-lo a alguns metros distante, observámo-lo a alguns centímetros de nós. Subserviente para os superiores, com certo desdém encara o estranho, com um semblante de superioridade fita o visitante. A sua biografia é larga. Os seus crimes perdem-se na bruma dos anos, evolam-se na vertigem da vida.

Todas as suas arbitrariedades têm ficado impunes, têm sido esquecidas por conveniência.

Escudado nessa circunstância este senhor Xavier tem abusado da miséria dos pobres internados, tem praticado verdadeiras "escroqueries" que ruborizaram um gatuno profissional num dos momentos de raciocínio. Aos redactores deste jornal foram reveladas talas falcatruas, foram narradas tais façanhas que constituem o maior libelo acusatório que se pode formular a um homem. Disseram-nos ainda que a sua miserável obra é do conhecimento dos seus superiores. Asseveraram-nos que esse monstro possuía dinheiro, roubado às migalhas dos loucos, saciado com perfeito instinto de vampiro. E todavia o sr. Xavier é enfermeiro-chefe da enfermaria dos entrados, por onde têm que passar todos os internados.

Muitas famílias dos doentes, ao fim de algum tempo vêm a descobrir as "escroqueries" do "zeloso". Xavier não os usa protestar com receio de que os seus sejam vitimas alguma vingança daquele cavalheiro.

Não há muitos dias que se esqueceu de mencionar na respectiva papeleira, e consequentemente de entregar na repartição competente, a importância de 100 escudos pertencentes a um doente. Este teve alta e retirava-se sem lembrar da importância que o tinha acompanhado na entrada, quando um empregado menor lhe lembrou que tinha a haver 100 escudos. Requisitados ao Xavier, esteve em risco de não os receber, porque o "bondoso" enfermeiro-chefe afirmava que o dinheiro pertencia a um indivíduo que tinha estado louco...

Quando os redactores da Batalha chegaram ao Manicómio levaram, entre outras reclamações recebidas na nossa redacção, uma queixa dum doente que esteve na enfermaria 3, como já ficou dito a quem como enfermeiro-chefe o "benemerito" Xavier. Era um brado pungente, que por ser tão grave precisava que alguém o justificasse. Junto de alguns enfermeiros do hospital de alienados apurámos que a queixa era autêntica. Por esse motivo o leitor vai dela tomar conhecimento, antes de fecharmos o súdario de misérias morais do exemplar que estamos focando:

Para a enfermaria 3—iâmos a dizer Pinal de Azambuja Xavier—entrou há pouco um enfermo, que transitou para a enfermaria de cirurgia e teve alta ao fim de alguns dias. Em virtude deste facto, o doente pediu que lhe fosse entregue, além da roupa, outros objectos. Verificou, porém, com espanto, que lhe faltava a carteira e um relógio, pelo que reclamou. Houve contestação da parte do Xavier, que em presença do fiasco que provocava, depois de ensaiar uma negativa, houve por bem entregar ao doente os objectos com que se pretendia.

Outras vergonhas poderiam fazer passar pelo nosso "écran" se repetimos—não fosse suficiente o que ficou dito para atestar inidividuamente que aquele funcionário hospitalar é a vergonha da prestimosa classe de enfermeiros que não é culpada de seu ventre gerar semelhante aborto.

E' tão indigno o procedimento deste Xavier que não encontra nos seus colegas quem o aplauda, quem lhe leva a bem de viver das dores alheias! A prová-lo está o facto dos protestos que nos apresentaram e que deixamos exarados, a mais formal condenação dos crimes dum enfermeiro-chefe da enfermaria!

E' lembramo-nos que há no pavilhão de segurança do Manicómio indivíduos muito menos perigosos do que este Xavier!

As noites em que seu cunhado, que trabalhava numa fábrica, não vinha a casa.

Por meio de ameaças conseguiu coagir sua mulher a voltar a viver com ele. Pouco tempo isso durou: um dia agarrou num martelo de ferreiro, quebrou tóda a mobília e desapareceu de casa. Começou depois a falar por tóda a parte que havia de matar a mulher e os sogros e que se o cunhado de já ter dois filhos.

O Macário, porém, continuou perseguindo-a, arrombando-lhe e apedrejando-lhe a casa em que ela vivia com seus pais e seu irmão. Sempre que elas, perante estas violências, reclamavam a intervenção da polícia, ele punha-se em fuga.

Há pouco mais de três meses começaram pelo sítio que já tinha descoberto um processo fácil de se vingar da mulher.

Então aliou-se na polícia. E assim fez. Então cheio de audácia, devido ao estranho prestígio da sua farda, continuou praticando vários distúrbios, mas, aproveitando sempre

Notas & Comentários

A arte de matar o próximo

Não costumamos dar o relato de crimes, cumprindo assim o nosso dever, evitando que por meio dum móbida publicidade se exerce uma atmosfera própria actos anti-sociais. Não deixaremos, porém, de assinalar, pelo significado social que encerra, o crime cometido por um indivíduo que pertence a uma corporação encarregada de evitar e reprimir o crime. O facto narra-se em poucas linhas:

O cívico 2378, da esquadra do Caminho Novo, dirigiu-se na madrugada de ontem a casa da sogra. Como esta se recusasse, por conhecer os seus maus instintos, a abrir-lhe a porta, o polícia arrombou-a e depois, enfim, pela casa, com pistola em punho, e matou a tiro a mulher e a sogra.

E' fácil daqui concluir-se que ameaça enorme este indivíduo representa para a vida de todos nós, armado de espada, pistola e espingarda e autorizado, pela sua impunidade, a disparar à valentona sobre quem o apetecesse. Este polícia que nem a própria mulher poupa está com certeza já inscrito para ir, no próximo congresso da polícia, fazer interessantes aditamentos à tese que lá vai ser discutida intitulada "A arte de matar o próximo".

Congresso das Misericórdias

O sr. Sebastião Alfredo da Silva, secretário geral do 1º Congresso das Misericórdias, realizado em Março do pretérito ano, teve a gentileza de nos enviar um exemplar do livro que insere impressas as actas daquela magna reunião.

A arte e os artistas

Inaugura-se hoje, para a imprensa, e amanhã para o público, na sala da biblioteca da Imprensa Nacional de Lisboa, a exposição de aguarela do sr. Alfredo Moraes.

Foi aumentado o preço de aluguer...

Os quartos particulares do Governo Civil, até aqui destinados aos detidos por delitos insignificantes, vão passar a receber todos os presos que caem na Parreira, uma vez que não sejam considerados perigosos, ébrios, falsificadores de moeda, incendiários, assassinos ou fugidos das cadeias. A condição para se habitar aqueles «confortáveis» quartos é, segundo dizia um vespertino, a seguinte: pedradas ou solidomitas, cada dia por dia 100 escudos; que se introduzem em casa alheia para roubar ou furtar, 80 escudos; agressão a agentes de polícia, 70 escudos; desobediência, ameaças e resistência aos agentes policiais, 50 escudos; roubo ou arrombamento, 40 escudos; furtos de qualquer espécie, 30 escudos; ebra fraudulenta ou desfaçal, 20 escudos.

MÁRCO POSTAL

Guarda.—M. C.: Recebido 13\$50.
Tavira, V. Fagundes: Recebemos
1950. Está conforme.

Agenda de A BATALHA**CALENDARIO DE DEZEMBRO**

S.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	12	19	26	Aparece às 7:45	
D.	13	20	27	Desaparece às 17:15	
S.	7	14	21	28	FASES DA LUA
T.	1	8	15	22	L. C. dia 30 às 2:1
Q.	2	9	16	23	Q. M. * 8:12:15
Q.	3	10	17	24	O. C. * 22:11:30

CAMBIOS

Paises	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95\$00	
Madrid cheque	2880	
Paris, cheque	7676	
Suiça, "	3979	
Bruxelas cheque	899	
New-York,	19860	
Amsterdão	7590	
Itália, cheque	7979	
Brasil, "	2578	
Praga, "	559	
Suécia, cheque	5826	
Austria, cheque	2577	
Berlim,	4868	

ESPECTÁCULOS**TEATROS**

Nacional.—As 21—e A Severa.
São Carlos.—As 21, 20—o Príncipe João.
Politeama.—As 21, 20—«Parapara de hoje».
Trindade.—As 21, 20—«Cló Cló».
Gimnásio.—As 21, 20—«Guerra ao vinho».
Ipólio.—As 21, 20—Papá Lebonard.
São Luís.—As 21, 20—Recital do violinista Kublik.
Frenópolis.—As 21, 20—«O Pão de Ló».
Teatro Vítorio.—As 20, 20 e 22, 20—«Rataplan».
Coliseu.—As 21—Companhia de circo.
Joaquim de Almeida.—Animatógrafo e variedades.
Salão São...—Animatógrafo e Variedades.
Circo Vicente (à Graça).—As 20—Animatógrafo.
Frenópolis—Todas as noites. Concertos e diversões.

CINEMAS

Tivoli — Olympia — Central — Condes — Chiado — Terraço — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Tortoise — Cine Paris.

ISQUEIROS

Pedras, Metal Auer, vendem-se no LATTA, do Conde Barão.—Dúzia, \$40; 100, 25\$00.

Largo do Conde Barão, 55

Grande desconto aos revendedores

LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta de propaganda tem dado lugar a que ainda hoje continua em Portugal limas de madeira, vaso que as limas marca. «Touros» da Empresa Tomé Poteira, Ltda., fabricam em prata e qualidade com as melhores hastes do mundo. Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens e patais.

CLÍNICA DO CHIADO

RUA GARRETT, 74, 1º
TELEFONE C. 4186

Doenças venéreas

Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

UNIÃO

MARCAS REGISTADAS

União Tomé Poteira, Ltda., fabricam em prata e qualidade com as melhores hastes do mundo.

Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens e patais.

Lisboa, 12 de Dezembro de 1925.

O presidente da mesa, Joaquim José Lopes.

Descontos para revenda

Para a província remetemos catálogos com amostras a quem pedir

170, Rua da Boa Vista, 172

Em l...**Assinem Os mistérios do Povo**

Convoco a reunião de assembleia geral para o dia 15 de dezembro, pelas 20 horas, a fim de se proceder à eleição dos corpos gerentes para o ano de 1926. Se a assembleia não puder funcionar por falta de número legal de sócios, fica a mesma desde já convocada para o dia 21 de dezembro, pela mesma hora, funcionando com qualquer número de sócios presentes.

Lisboa, 12 de Dezembro de 1925.

O presidente da mesa, Joaquim José Lopes.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.**Capas e índice em separado, 15\$00.**

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker, Fogoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

O revolucionário Social e o Sindicalismo

Por Arckino. Preço 1\$50.

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalha ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.**Capas e índice em separado, 15\$00.**

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

O Grande Baixa de CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%, NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora 50\$00

Sapatos em verniz 58\$00

Etoles pretos (grande salão) 48\$00

Etoles brancos (salão) 28\$00

Grande salão de botas pretas 58\$00

Etoles de cor para homem 48\$00

Não contribuir à SOCIAL OPERARIA

com a tua contribuição, é contribuir para a tua felicidade.

Ve bem, pois só lá encontra bom e barato.

A Social Operaria é na rua das Cavaleiros, 18-20, com Filial na mesma rua, n.º 10.

Preço esc. 1,50

Penovacão

Revista gráfica

À 1 e 15 de cada mês

Preço esc. 1,50

11-12-1925

OS MISTERIOS DO POVO

N.º 597

Este, o rei Carlos VII, passava uma vida

santa, e recitava todos os dias as suas horas canónicas; e, posto que se dedicasse ao serviço de Deus, logo que morreu Inês Sorel, o rei enamorou-se da sobrinha da dita Inês que era casada com o senhor de Villequier. Ela não era menos formosa que sua tia, e o marido vivia com ela na corte: tinha sempre cinco ou seis donzelas de honor das mais formosas de França e de baixa condição, as quais seguiam sempre o rei Carlos para toda parte. A senhora de Villequier fez com que os pais de Branca Rebreuve lhe cedessem sua filha, a fim de entregá-la ao rei, se bem que esta protestasse a chorar que desejava antes conservar a virtuosa, ainda que para isso tivesse de viver só a pão e água; porém ela bem depressa se resignou e partilhou os favores do rei com a senhora Villequier e com as suas outras meninas de companhia.

O mesmo Tiago Ducler (liv. XXXIX, pag. 222), falando dos costumes dos frades, dos prelados e dos padres do seu tempo, dizia:

... E' verdade o que se afirma que o maior número de pessoas de igreja no tempo presente e no passado, eram tão dissolutas no pecado da luxúria e da avareza, ambições e delícias mundanas, que seria pena mencioná-las. Estes desregimentos do clero irritaram profundamente a gente de bem; mas a Inquisição velava, e todos aqueles que ousavam altamente censurar esses escândalos eram acusados de heresia, ou de aliados dos Vaudois, descendentes dos Albigeois, e por consequência presos e submetidos a más espantosas torturas, até que confessassem a sua heresia.

A maior parte deles confessavam por terror; grande número daqueles infelizes foram supliciados em Arras no ano de 1460. Um de entre eles, que era vereador de Arras, um dos homens mais honrados da cidade, depois de ter sido por muitas vezes torturado, declarou no momento de morrer no cadiado, que todos aqueles que ele tinha acusado como Vaudois, não o eram; ele acrescentou que tudo quanto tinha dito, es-

crito ou confessado a esse respeito, tinha-o dito, es-

critto ou confessado pela força da tortura, e que tan-

tas pessoas que conhecia as tinha todas nomeado, e mais nenhuma se mais conhecera, a fim de fazer ces-

ar a tortura que lhe esmagava os membros.

Isto passava-se, filhos de Joel, no fim do reinado

de Carlos VII, daquele devoto que lia constantemente as horas canonicas e tinha a vida mais santa (diz o cronista), tendo um harem como um sultão da Turquia e numerosas odaliscas.

Eu, Cristiano Lebrenn, filho de Melar e neto de Estevo Lebrenn que teve por pae Allan e por avô Mahiet o Advogado de Armas, que foi testemunha do suplicio de Joana Darc em Ruão, quer, antes de ascender alguma nova legenda ou alguma nova reliquia ás da nossa família, relatar aqui sumariamente os principais acontecimentos dos reinados de Luis XI, Carlos VIII e de Luis XII; acrescentarei também o que se passou mais importante no reinado de Francisco I até ao ano de 1634, em que começa a narração escrita por mim. Meu avô tinha deixado a meu pae, e meu pae a mim, esta lacuna a preencher. Com o auxilio de alguns apontamentos, completei estesclarecimentos por meio de algumas informações tomadas em Paris e fornecidas por pessoas que estavam muito ao facto da história do século e do presente, entre cutros os senhores Henrique e Roberto Etienne, grandes eruditos e impressores célebres, em casa de quem meu pae, meu filho mais velho e eu, estivemos empregados como oficiais tipógrafos.

A 22 de julho de 1461, Luis XI, filho de Carlos

VII e de Maria de Anjou, nascida em Bourges a 3 de Julho de 1423, subiu ao trono. Quanto seu pae se tinha mostrado indolente, pouco cuidadoso dos negócios do estado, que estavam nas mãos dos conselheiros e dos favoritos, tanto mais Luis XI se mostrava e zeloso do seu poder; este príncipe não gostava de ninguém, e desconfiava de toda a gente. Mau calculador, não ex-

perimentando nem compaixão, nem cólera, nem afeição, limitava-se a fazer o mal necessário para o bom exito dos seus projectos; neste caso lançava mão dos mais terríveis expedientes. Cheio de desconfiança e de desprezo pelos homens, contando únicamente com os seus tenebrosos recursos do seu espírito astucioso, subtil e tenaz, quiz fazer tudo pessoalmente e passar sem conselheiros, nos quais só via ineptos e traidores. Tomava por modelo Pedro Sforza, que se tinha tornado o tirano da Lombardia, pelas suas implacáveis crueldades, audácia e traição. Luis XI, não tinha nenhum trono a usurpar, mas sim a defender o seu das invasões dos principes da casa reinante e dos grandes senhores. Neste intuito marchou para a frente; resolvendo a triunfar por todos os meios, desde a lisonja que seduz, a astúcia que indispende, até ao assassinato que livra qualquer pessoa dum inimigo que teme.

Luis XI teve a noticia da morte de seu pae; sem dissimular a sua alegria parricida, deixou logo a corte do duque de Borgonha e foi fazer-se coroar a Reims.

Uma única ideia o preocupava ao princípio; era des-

truir o poder dos principes da casa reinante, dos grandes vassalos, eternos rivais da realeza, e acabar

deste modo a obra começada por Carlos VII.

As casas dos principes de França, desde a expul-

são dos ingleses, mostravam-se quase tão indepen-

dentes da coroa como os antigos tempos do feudalismo;

os condes de Albret, de Foix, de Armagnac, os duques de Bretanha, de Borgonha e de Anjou, soberanos nas suas províncias, reconheciam apenas a suzerania do rei de França e vexavam com grandes impostos as populações.

Luis XI, despotá e ávido, empreendeu ficar o único

senhor, e o único carrasco dos seus povos. Habil e

dissimulado, fingiu ao princípio que se apoiaava na

burguesia por conhecer o seu ódio inverterado contra os senhores; chegou até a afectar que se rodeava de

gente de humilde condição. Sóbrio, avarento e inimigo

do luxo das cortes, porque sabia que a realeza era

A BATALHA

A ARDUA MISSÃO DAS LAVADEIRAS

Ajusta-se perfeitamente à orientação de *A Batalha*, como órgão proletário, descrever o trabalho exaustivo das obscuras obreiras que exercem o mister de lavadeiras, chafurdando tódas as imundícies, e se não são contagiadas, deve-se isso ao irrepreensível aceio que as envolve e aos magníficos ares que, constantemente são renovados.

Quando as donas de casa (mães, esposas e irmãs) evasiam os cestos da roupa suja para organizarem o respectivo rol, não calculam, de certo, as voltas a que ela é sujeita a fim de ficar convenientemente apta a poder ser servida.

Só quem assiste a todo o labor, pode apreciar o esforço dispensado pela mulher que se dedica a este rudo e porco trabalho, para lhe garantir a remuneração com que parcialmente se alimenta.

As saloias que se dedicam à profissão de lavadeiras, depois de mal reféltas do esgotamento físico ocasionado por uma noite perdida, escarranchadas na galera desde a estalagem até Louza, nos seus humildes túgrios abrem as trouxas, vendendo-as roupas de homens, senhoras e crianças, de mesa, de quarto, de copa e de cozinha, desordenadamente, em desagradável promiscuidade, as combinações de tecidos finíssimos, misturadas com rodilhas mascarradas verificando-se até, diversas peças «guarnecidas» de fezes.

Indiferentes à porcaria que as rodeia, de aspecto e cheiro, como se poderia calcular, causando vómitos a quem não está astostado, fazem a separação das roupas do corpo, cama ou uso doméstico, em vários lotes, indo as de doenças contagiosas para o cloreto a fim de serem desinfetadas; porém, a «malta» (esfregões, panos enebados, tisnados e oleosos) é infundida em pias de pedra próprias, onde contém, há dias, urina humana, potassa, bonicos de porco (excremento) ou galinhaga (excremento de galinha)—tudo desfeito—cuja fermentação contribui para o desaparecimento da sujidade em que a «malta» está envolvida.

Mal rompe a aurora, exergando-se latentes as últimas estrelas de primeira magnitude, já se vislumbram as mulheres nos seus postos de labor, agarradas às picotas tirando, dos poços, a água para as almácegas. Sujeitas a tódas as intempéries—ao calor que sufoca ou às geadas que retalam a pele—elas, de joelhos com o ventre encostado ao lavadoiro, batem as roupas nas pedras carcomidas e aliviam o seu esforço ao ritmo das suas vozes impiedosas que tanta vez se desprendem das suas boquinhas grácias.

Seguidamente, esfregam a roupa e assim, na solidão das hortas, dos campos e das serras, fleugmáticamente, desfazem os sinais de iguarias, de prazeres sensuais, de fragedias, de segredos íntimos e quem sabe se de crimes!

Executam esta fatigante e monotonamente operação, moçoilas fôrmosas e robustas, coradas; há também, velhinhas tropégas, transparecendo nos seus rostos macerados pelas rugas, os laivos da sua vida amargurada.

A roupa, depois é conduzida, pingando, para os barreiros ou gigões onde fica acamada, para ser feita a barrella, para que as nôdoas que existem sejam comidas ou mais desvaneçadas. Depois deste trabalho concluído roupa volta novamente para o tanque onde é enxaguada e metida em saibô a fim de côrbar, desgastando o sol as manchas que até então se veja. Este serviço é feito à torreira do sol em dias de estiagem, mas torna-se mais violento e massado no inverno porque é a chuva que se encarrega de branquear. É como os dias são mais curtos, o esfaldamento e cançoso das saloias é superior, porque é à noite e à luz fraca das lanternas que, nos tanques, a roupa é passada na água limpa.

Como é sensibilizador registar toda a energia dispensada em prol da limpeza e vér-se a sua disposição dos estendais que, reclinados nas serras cobertas de mato e perfumadas de rosmaninho, se assemelham a bandos de pomadas, de inconfundível alvura, que mansamente ali poisaram!

Mas, assim que a roupa, nos estendais, esteja seca, é recolhida, dobrada e arrumada cuidadosamente.

As lavadeiras, alegres por terem finalizado a sua faixa, prestam-se para volver a Lisboa, conduzidas no mesmo meio de transporte, escarranchadas outra vez e submetidas às inclemências das estradas, intratáveis...

E, finalmente, apesar de suportarem o fadado da porcaria que a cidade lhes impõe para limpar, as escravas do trabalho, sem um queixeire ou subserviência, apresentam-se ativas a restituir aos seus donos a roupa que lhes foi confiada, intimamente satisfeitas, por conceberem nitidamente o dever cumprido, em benefício da higiene pessoal e doméstica.

Domingos Afonso RIBEIRO

BREVEMENTE

Almanaque de A BATALHA

para 1926

Um volume de 160 páginas contendo, além de muitos retratos e fotografuras de acontecimentos, a seguinte interessante matéria:

O almanaque do ano. Indicações úteis. Resumo diário dos factos notáveis da vida operária portuguesa. Os grandes acontecimentos mundiais. Militantes e propagandistas mortos. Organização sindicalista. Legislação operária. Endereços dos organismos operários nacionais. Amenidade científica, filosófica, artística e revolucionária.

Preço do Almanaque de «A Batalha» para 1926—cinco escudos.

O desarmamento

GENEBRA, 10.—A França e a Inglaterra chegaram a acordo sobre o problema do desarmamento.

Realizou-se na Alemanha o quinto congresso das juventudes anarquistas-sindicalistas

Centenário da fundação da Régia Escola de Cirurgia

Conferências e lições para hoje:

BERLIM, Novembro.—São poucos os países onde a juventude sindicalista anarquista constitui os seus núcleos próprios. Alemanha pertence ao número desses países. Antes da guerra, os jovens operários alemães confundiam-se no movimento sindical. Durante a guerra e, principalmente, depois dela, a organização juvenil surgiu e foi tomando impulso, até que as suas características se definiram completamente.

Na intimidade das organizações de jovens manifestaram-se as mais variadas tendências. Primeiramente, a burguesia favoreceu a organização particular da juventude operária, mas depressa a mocidade se separou de tal influência. Formaram-se, então, os núcleos de juventude operária dos socialdemocratas, depois, os grupos comunistas e, finalmente, os núcleos anarquistas-sindicalistas.

A juventude anarquista-sindicalista seguirá aquele caminho que ela própria traçara. Querendo formar uma organização independente, escusou-se a formular uma adesão à central nacional dos sindicatos revolucionários alemães.

Esta central, porém, não se opôs à atitude dos núcleos juvenis e não deixou de lhes dispensar solidariedade. Os membros das juventudes anarquista-sindicalistas fazem parte dos sindicatos, dispensando-lhes aturado concurso, quer no funcionamento interno, quer nas lutas económicas.

A central dos sindicatos revolucionários alemães, no seu último congresso, desejando preparar mais activamente os futuros militantes, encorajou a necessidade de formar dentro dos sindicatos diversas secções profissionais de jovens filiados.

Os jovens manifestaram-se contra este intento, pois sempre quizeram agir com independência, em vez de se tornarem meras secções sindicais. A central desistiu dos seus intentos e os jovens anarquistas-sindicalistas prometeram o seu esforço para imprimir um sentido libertário e sindicalista ao seu movimento, aguardando apenas que essa evolução se operasse em normalidade. E assim, os jovens que advogavam a organização sindical e a luta de classes, com a sua propaganda conseguiram anular tódas as tendências contrárias.

Pouco tempo depois, em 24, 25 e 26 de Outubro do corrente ano, efectuava-se o V congresso da juventude anarquista-sindicalista, na cidade de Erfurt. Da informação prestada pelo comité nacional deprende-se que as juventudes anarquista-sindicalistas formam perto de um milhar de filiados que se dividem em 60 núcleos locais. O órgão das juventudes é o *Jungen Anarchisten* (jovens anarquistas) que tem actualmente uma tiragem de 4000 exemplares.

Vários problemas de importância reconhecida foram debatidos no congresso. Foi aprovada uma moção de princípios ideológicos, na qual se concordava com a luta de classes e se oponha aos partidos políticos e aos sindicatos reformistas, às organizações militaristas, fascistas, socialdemocratas e comunistas. A mesma moção fazia ressaltar a necessidade de organização sindical e a defesa da revolução pelas massas organizadas economicamente, repudiando o curso das organizações políticas e militares.

O jovem Helmut Rüdiger relata os trabalhos que a organização teve a seu cargo. Referiu-se, largamente a assuntos administrativos e propôs os 25 anos como limite de idade aos filiados nas juventudes, a fim de evitar que estas, um dia, sejam constituídas pôr velhos.

O congresso rejeitou esta proposta, que implicava o afastamento das juventudes e o ingresso nos sindicatos aos que ultrapassam o limite de idade. Foi também rejeitada uma proposta de Rüdiger, que defendia o princípio de os filiados das juventudes serem, ao mesmo tempo, componentes da F. A. U. D. (central revolucionária dos sindicatos alemães). Outra proposta, que determinava que os jovens contando mais de 18 anos de idade fôssem compelidos a ingressar nos sindicatos da sua profissão, não foi igualmente aceita pelo congresso.

Ao discutir-se a posição das juventudes anarquista-sindicalistas, foi aprovada por maioria a seguinte moção de Eugénio Beitzer:

«Considerando que só uma organização federalista pode garantir a vitória da revolução social, reconhecemos que a S. A. U. D., com as suas federações de indústria e as suas federações locais oferecem a maior garantia de uma regularização da produção e consumo, de modo a não colidir com os principios anarquistas.

«Nesta convicção, o V Congresso da Juventude Anarquista Sindicalista exprime a opinião de que a juventude deve estudar mais do que nunca os princípios do anarquismo-sindicalista, conservando as características da sua organização. Primeiro que tudo, há a inconveniência do movimento juvenil se conduzir na luta apartada da ação dos velhos camaradas. A juventude representa apenas uma pequena parte do proletariado e a emancipação dos jovens só se poderá fazer ao mesmo tempo que a emancipação de toda a classe operária.

«De maior importância se nos figura a necessidade de, como combatentes revolucionários, conduzirmos a luta no campo mais vasto, para trazer o proletariado ao caminho da sua total emancipação. Temos a missão especial de dar a essa luta o entusiasmo próprio e, por essa razão, reconhecemos a existência da juventude no movimento sindical, com o qual temos afinidades. Somos o germe que faz nascer esperança no futuro da massa operária, pelo que devemos mostrar-nos dignos da nossa missão e prepararmo-nos em todos os pontos para receber a herança dos nossos predecessores, encenados na luta.»

Referindo-se à A. I. T., Eugénio Beitzer apresentou a moção, aprovada no seu segundo congresso, acerca da juventude. Os jovens aprovaram essa moção, exprimindo-se no sentido de apoiar a A. I. T. e fazer a sua propaganda no país.

O «Socorro Vermelho» foi considerado pelo congresso um instrumento do partido comunista e repudiado, a-pesar-de Henrique Müsham pretender apoia-lo. Em contrário, recomendou-se aos jovens que prestassem socorro por intermédio dos seus órgãos, aos militantes presos e perseguidos na Alemanha e no estrangeiro.

Augusto Souchy representou a A. I. T. no congresso. Paulo Albrecht pronunciou um interessante discurso acerca do trabalho cultural do jovem.

Foi reeleita a comissão nacional de in-

Em Aldeagalega realiza-se um comício de solidariedade de aos corticeiros

ALDEAGALEGA, 7.—Estava anunciado um comício para a praça 1.º de Maio, a fim de no mesmo serem expostas e tratadas as greves dos corticeiros e chacineiros, em luta contra a redução de salários. Mas o tempo chuvoso não permitiu que os trabalhadores desta vila acorressem àquele local, pelo que o comício só se pôde efectuar, à noite, na sede da Associação dos Trabalhadores Rurais, amplo salão que estava literalmente cheio a-pesar-do mau tempo.

Aldeagalega, 7.—Estava anunciado um comício para a praça 1.º de Maio, a fim de no mesmo serem expostas e tratadas as greves dos corticeiros e chacineiros, em luta contra a redução de salários. Mas o tempo chuvoso não permitiu que os trabalhadores desta vila acorressem àquele local, pelo que o comício só se pôde efectuar, à noite, na sede da Associação dos Trabalhadores Rurais, amplo salão que estava literalmente cheio a-pesar-do mau tempo.

Presidiu Gonçalves Tormenta, secretário José Duarte e Francisco Simões Júnior. Depois do presidente expôr os motivos do comício, usou da palavra José Duarte, corticeiro e da comissão organizadora, que expôs como sente o estado em que se encontram a questão dos corticeiros e a das chacineiras.

O comício foi promovido para interessar nessa magna questão os restantes trabalhadores das demais indústrias.

Os descarregadores de mar e terra têm procedido indignamente nesta greve, pois o tempo se prestou a trabalhar nas cargas e descargas da corticeira, prejudicando a greve e favorecendo o patronato que pretende esmagar uma classe. Tem palavras de indignação condenando tão vil procedimento.

Luciano Sobral, em curtas palavras, corroborou as palavras do camarada que o antecedeu, nas apreciações que fez quanto ao procedimento dos descarregadores, que estão fazendo o jôgo patronal. Pelo que respeita à classe corticeira afirmou que não existem quaisquer defecções: todos os corticeiros estão solidários e firmes no seu posto de combate. Em toda a parte se mantém o máximo espirito de solidariedade, solidariedade que a classe manterá até ao fim, pois está consciente da justiça que lhe assiste. Cita o que se tem passado nas relações com os industriais. Estes não se preocupam com qualquer prejuízo que possam ter.

Mas como a classe, mesmo trabalhando, sofre miséria e fome, ela saberá sofrer mais o que seja necessário para conseguir o triunfo da sua causa. Estão no mesmo caso as camaradas chacineiras. Elas vêm sofrendo há mais de dois meses e não se têm rendido. Estão firmes e como elas estarão o patronato?

Alonga-se em considerações respeitantes à situação da classe em face do patronato e termina dizendo que a greve, que não se perderá, só pode ser prejudicada pelos descarregadores de mar e terra de Aldeagalega.

Adriano Pimenta, delegado da Federação Corticeira, diz que o organismo que representa não podia deixar de acompanhar este acto nem podia deixar de manifestar a sua solidariedade e simpatia para com as camaradas chacineiras, que nestas localidades também se encontram em luta por motivos idênticos. Sabe que uma greve custa imensos sacrifícios áqueles que se lançam nestes movimentos.

Mas como as greves, como a dos corticeiros, não são determinadas por mero capricho: elas são a consequência inevitável do procedimento do industrialismo.

Ora os industriais corticeiros parecem não querer deixar de pagar a fome mais rápidamente uma classe de milhares de homens, esses mesmos homens que, trabalhando, já eram pela fome mortos lentamente. Estes factos demonstram que muitos industriais pelo menos têm vivido numa situação parasitária e privilegiada.

E a prova é que se fiam apenas na desvalorização da moeda para tudo ganharem sem grande esforço sem se preocuparem com o próprio desenvolvimento da indústria, aperfeiçoando-o para estabelecerem a competência com os concorrentes dos outros países.

Relata o que se passou em várias localidades onde a luta não tomou tão viva acuidade como na maioria das localidades, justificando os motivos que determinam essas condições muito especiais e que nadam influem na solução do movimento. Refere-se ainda à ação de traição dos descarregadores e diz que a culpa não será inteiramente delas, mas dos que orientam aquela classe nesse sentido. Mas, aparte este facto, aliás bastante censurável, é que tem percorrido diferentes localidades do país, tem verificado que todos os corticeiros estão animados da mesma fé, solidários e firmes, capazes sempre, a-pesar-dos piores sacrifícios, de sempre e necessário para saírem vitoriosos da luta para que foram arremessados.

É, efectivamente, a resposta mais condigna da classe ao industrialismo corticeiro.

O delegado da J. S. de Setúbal vem pela segunda vez junto dos operários de Aldeagalega, referindo-se, em primeiro lugar, as mulheres chacineiras, as quais já falou, e a quem, neste momento, não pode deixar de prestar de novo a sua homenagem de solidariedade, por, como mulheres, saberem lutar com decisão e energia. Aos corticeiros dirá que devem manter-se como até agora e como é próprio da sua tradição revolucionária. O orador divaga, depois, largamente, sobre os pactos dos políticos destes últimos tempos, que são outros tantos ensinamentos para os trabalhadores. Não aceita a atitude da Federação Marítima, por contrária não apenas aos interesses gerais da indústria, e sobretudo do comércio internacional italiano, que sentem duramente as oscilações do câmbio. Mas ao primeiro empréstimo, destinado a defender a lira italiana contra os perigos da oscilação e da depreciação no debole período das transferências para o estrangeiro pelas costas de reembolso, e por outro, se proceder a uma valorização intensificada dos recursos italiani, para criar precisamente aquela maior riqueza que é necessária para o pagamento dos débitos.

O primeiro empréstimo de 100 milhões de dólares, agora concluído, é destinado à realização do primeiro destes projectos: a defesa e melhoria da lira. Tal condição é essencial não só para o equilíbrio do orçamento, mas também para o desenvolvimento da indústria, e sobretudo do comércio internacional italiano, que sentem duramente as oscilações do câmbio. Mas ao primeiro empréstimo, destinado a defender a lira italiana, é provável que se sigam outras transacções, destinadas a dar fôrça à economia produtiva italiana. A propósito já correram notícias que devem ser todavia confirmadas com muita reserva, favorecendo elas mais fins especulativos do que a representação da realidade actual. De facto a introdução dos capitais estrangeiros na Itália para fins produtivos tem mais aspectos passivos do que activos, que devem ser calculados com particular atenção. E por isso ela só pode ser considerada em relação a empresas e iniciativas verdadeiramente construtivas e fundamentais da Itália, medindo com prudência o valor dos compromissos com mais ou menos longo prazo, que com elas a Itália viria a assumir perante os financeiros estrangeiros. Também é este segundo aspecto dos empréstimos americanos e estrangeiros, importa pôr limites, e uma fiscalização por parte do Estado semelhante à que tem sido até agora usada.

A. BONO

Ecos dos últimos temporais

A's 4 horas e meia de ontem, na travessa do Rio Sôco, 2, abateu um muro sobre uma capoeira, ficando soterrada alguma criação. Compareceram os bombeiros do quartel nº 10, que prestaram socorros.

A's 7 horas e meia também abateu uma barraca no Casal Ventoso, havendo apenas alguma mobília estragada.

O BON

Lede o Suplemento de «A Batalha»

infamemente o movimento justíssimo dos operários corticeiros;

As classes trabalhadoras de Aldeagalega, reunidas em comício público na sede do sindicato dos trabalhadores rurais, resolvem:

1.º Repudiar, por absoluto, a intransigência dos industriais citados pelo que de criminoso ela representa.

</div